

MARIO FRANCESCONI

COMO UM RELÂMPAGO

Padre JOSÉ MARCHETTI
Servo de Deus

(1869 - 1896)

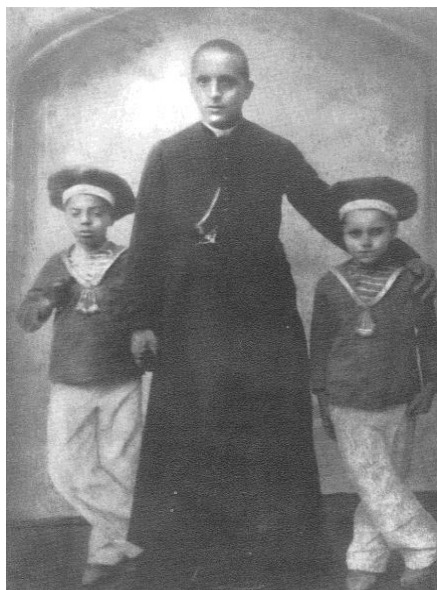
Um amor sem limites

Tradução de MARIA LUIZA TROMBETTA, autorizada pelo AUTOR

Texto copiado e atualizado por Ir. Erta Lemos, mscs.

AISSMi
Rue Guimard, 1
1040 Etterbek, Bruxelas - Bélgica
24 março 2011

Um padre com uma criança nos braços



P. José Marchetti com os dois primeiros órfãos

Um sacerdote italiano, andando pelas ruas do Rio de Janeiro com um menino nos braços. Os transeuntes param um instante, curiosos, a olhar uma cena tão esquisita; os comentários mais disparatados cruzam-se sobre a figura jovem do missionário que, tentando fazer-se compreender pelas pessoas que não conhecem a sua língua, pede-lhes o endereço de algum asilo, orfanato ou convento. Com aquela criaturinha nos braços já se havia apresentado ao Cônsul Geral da Itália, mas este último, Conde Pio Gherardo de Savóia, não sabia como resolver o estranho problema e não pode fazer outra coisa a não ser comover-se e dirigir-lhe algumas palavras de encorajamento.

Numa cidade tão grande, algum lugar havia de ser encontrado! Precisava tentar. Ao sacerdote bastou encontrar uma pessoa que não riu dele, uma pessoa de autoridade, que não o tivesse tratado com aquela distância indiferente do burocrata. Resolveu, então, tomar o caminho de bater de porta em porta, até que finalmente, encontrou um abrigo provisório para o seu pupilo, nas imediações da portaria de uma casa religiosa. Promete voltar para buscá-lo. Agora, porém, deve partir com o navio que o trouxe de Gênova ao Rio e que está para zarpar viagem para Santos. Partindo da Itália algumas semanas antes, estava seguro de que tornaria pelo mesmo transatlântico, de vez que havia acompanhado ao seu destino os mil e quinhentos emigrantes italianos, empilhados nos porões, sem ar e sem luz, nas mais desastrosas condições de higiene.

Ele aceitou partilhar com os deportados as amarguras e os sofrimentos da viagem, por amor de Deus e dos irmãos mais pobres, obrigados pela fome à procura de melhor sorte na América. Não quer para si o salário de capelão de bordo, bastava que lhe dessem de comer e um lugar para dormir e a possibilidade de confortar, com sua presença e com sua palavra, aquelas pessoas esquecidas de todos, conservando-lhes a esperança, não com a miragem da América, mas com a fé na Pátria que mamais se perderá. Precisamente em sua segunda viagem, se compromete fazer muitas outras, após ter visto seus paroquianos que, na suprema amargura da separação, invocavam pelo menos a graça de ter consigo um sacerdote que os acompanhasse, na perigosa travessia do oceano.

Nesse momento, o padre decidiu: ficaria em São Paulo, para onde se dirige a maior parte dos emigrantes, e ali fundará um orfanato para o menino que havia deixado sob a custódia de um porteiro e para todos os órfãos, filhos de italianos.

A idéia nascera bem no íntimo de Padre Marchetti, somente alguns dias antes, e já não lhe dava repouso. Durante a travessia, uma jovem senhora, casos, aliás, freqüentes, nas difíceis condições nas quais os emigrantes eram obrigados a viajar, foi atingida por uma doença mortal. Ao lado de um pobre berço, imerso em dor, o marido tentava ninar um bebê ainda lactente. Ajoelhado à cabeceira da cama, Pe. José assiste a doente, já moribunda. Mais do que pensar em si mesma, a senhora fixa o olhar ardente de febre sobre o esposo, descobrindo aqueles olhos trancados pelo desespero, depois se dirigindo ao sacerdote, suplica-lhe e com a força de quem está prestes a morrer, recomenda o marido e o filhinho ao

ministro de Deus e faz prometer, na solenidade da morte iminente, que pensará ele pelo esposo e, sobretudo, pelo órfãozinho. Pe. José promete, promete à jovem mãe que se abandona à vontade do Senhor Jesus, com um sorriso de conforto, promete a si mesmo e a Deus.

Naquele lance de amor decidiu sua vida e sua morte. Será para sempre um missionário dos emigrantes e pai de seus órfãos.



Dom Scalabrini, fundador dos missionários e das missionárias para os migrantes

No dia seguinte, segundo a dura lei de bordo, ao fim dos funerais celebrados no convés, quatro marinheiros levantam o féretro, o fazem descer, lentamente, no parapeito e deixam-no cair no mar. O silêncio triste da multidão dos emigrantes, que pensa sobre a dura sorte que a cada um poderia acontecer, o viúvo até agora petrificado pela dor, lançou-se com o filhinho nos braços, no intento de seguir mar adentro, junto com o ataúde da própria esposa. Mas, felizmente, foi bater de encontro ao peito que se fez muro, dois braços que o apertaram e agora, caíam-lhe suavemente pelos ombros. Pouco a pouco o homem se acalma, agarrado à uma única salvação: aquele Padre luquese, de maneiras ainda adolescentes, mas de uma vontade férrea, assegura-lhe que, quando ele dá sua palavra a manterá a custo da própria vida.

O pequeno moinheiro de Capezzano

José nasceu aos 3 de outubro de 1869, na paróquia de Lombriçi, distrito de Camaiore (Lucca), segundo dos onze filhos de Ângelo Marchetti e Carolina Ghilarducci. Coroinha desde os sete anos, todas as noites pedia aos pais que o acordassem bem cedo, porque não queria perder o serviço do altar. Quando a família se transferiu para Capezzano a fim de trabalhar no moinho do marquês G. B. Mansi, José pode freqüentar a escola do Cônego Nicolao Santucci, em Camaiore. Não foi, porém, a primeira ocupação do rapaz, como acontecia, geralmente, nas famílias ricas, tão somente de filhos, os pequenos mal podiam sustentar-se de pé, pode-se dizer, e deviam ajudar os pais nos trabalhos cotidianos.

Sua irmã Assunta, aquela que, mais tarde, se tornaria a Superiora Geral das Missionárias de São Carlos Borromeo, descrevia o irmãozinho como um rapazinho vivaz, nunca parava quieto, nem como as mãos, nem com as pernas. Em compensação era tenaz nas idéias e incapaz de fazer algum mal; dizia antes que não tinha tido tempo de aprender o mal, porque as horas de sua jornada eram estritamente divididas entre a escola e o moinho do pai.

Um dia, José (tinha então seis ou sete anos) viu um homem em casa, cortando lenha; distanciou-se este por um momento, José e o irmão maior, Agostinho, agarraram o machado para fazer a mesma coisa, Agostinho chegou por primeiro, mas José teimou em disputar-lhe o machado, repelindo todos os convites para distanciar-se. Sem demora, porém, os pais que estavam dentro de casa tiveram que sair, pois ouviram um grito de dor, proveniente do pátio. Correram, pálidos, e encontraram José com a mão esquerda sangrando. O incauto irmãozinho lhe havia cortado o polegar, e depois, todo medroso foi esconder-se, no quarto, embaixo da cama. Enquanto os pais lhe prestavam os primeiros socorros, José gritava soluçando: “Agostinho, vem para fora, que papai não te fará nada. Tu fizeste bem cortar-me o dedo: assim eu não preciso servir e posso tornar-me sacerdote”.

Eram das típicas decisões sobre as quais não voltava atrás. No início do ano letivo de 1883-1884, começou freqüentar o seminário de São Miguel em Foro, Lucca, como aluno externo, numa pensão, junto ao coadjutor da paróquia de São Miguel, Pe. Ângelo Volpi, a quem prestava pequenos serviços que lhe eram confiados. Nos momentos de repouso, ele se abandonava, sonhando com a leitura dos “Anais da Santa Infância”, o periódico missionário que havia suscitado tantas vocações. Entretanto, suplicava aos pais que lhe concedessem o favor de entrar no seminário, como aluno interno.

Porém o pai que já havia feito um grande sacrifício, renunciando a ajuda de seu segundo filho, não poderia enfrentar as despesas da pensão, embora fosse modesta. As dificuldades econômicas foram superadas pela caridade do patrão, o Marquês Mansi e do pároco de Capezzano, Padre Eugênio Benedetti. No dia 19 de dezembro o jovem pode entrar, finalmente, no seminário diocesano, como aluno do 3º ano ginásial.

No Seminário de Lucca

Um sacerdote que o acompanhou nos estudos, por oito anos, confirma a tenaz característica daquele que um dia será chamado, pelo governador do Estado de São Paulo, o “Padre quero”. Lembra de fato que ao fim do 1º ano transcorrido no seminário, José fez o retiro espiritual, com uma seriedade superior à sua idade. Segundo a afirmação dele mesmo e repetida freqüentemente, havia empreendido, naqueles dias de meditação, uma vida nova, e também um método de conduta que não mais abandonou até à morte.

Conseguiu, felizmente, o Certificado Ginásial, no Ginásio de Lucca, em 1887 e a prova de Madureza Clássica do Liceu Machiavelli, em 1889; passou então, aos estudos das ciências sacras, exercitando-se ao mesmo tempo nos primeiros tirocínios de seus projetos futuros, prestando-se como professor particular, nas disciplinas de Francês e Matemática, igualmente, como catequista dos seminaristas mais jovens, um dos quais lembrar-se-á: “A José Marchetti foi dado o encargo de preparar à primeira Comunhão a mim e alguns dos meus companheiros... À noite durante as horas de estudo, ele vinha buscar-nos e nos levava numa aula deserta, onde ninguém pudesse perturbar nosso estudo, e ali se entretinha conosco sobre o augusto argumento, por um tempo que para nós parecia sempre muito breve... Um perto do outro, sentados ali nalgum banco, fixávamos nossa atenção no semblante desse jovem, escutando, ávidos, sua palavra doce, persuasiva e, ao mesmo tempo, ardente. Falava do Augusto Mistério, com ardor de um seráfico, ensinava-nos a rezar com o coração. Representava-nos os acontecimentos da Igreja nascente e as perseguições que tinha suportado, as torturas dos mártires, o heroísmo dos missionários. Aliás, este era o argumento predileto dele, e não nos escondia o seu grande desejo de ser um dia missionário e de sacrificar a própria vida pela Fé.

O desejo do apostolado ativo-missionário e do martírio dava-lhe fervor naqueles anos de preparação.

“Sorte mais bela não lhe podia tocar”, exclamava ao lembrar o beato luquese, Ângelo Orsucci, martirizado no Japão; e os homens verdadeiramente felizes para ele eram os missionários.

Um professor de espírito missionário

Logo após sua ordenação, 3 de abril de 1892, celebrou a primeira Missa solene, na cidade de Capezzano, entre os convidados achava-se um velho missionário franciscano. Durante o banquete, aquele veterano das missões na América, polarizou a atenção de todos, mas especialmente do jovem sacerdote com seus contos missionários. Por fim, Padre José não

pode mais guardar segredo o seu propósito e revelou, embora entre as lágrimas dos pais, que também ele, desde há tempos, sentia-se chamado à mesma missão.

O Bispo, ao invés, o havia destinado a lecionar Francês e Matemática nas classes ginasiais do seminário de Lucca. Os estudantes não esqueceram a competência do novel professor, mas, sobretudo, a gentileza e o respeito com que ele tratava os jovens. Apenas completados os estudos de Teologia Moral, chegou, finalmente, o momento de dedicar-se ao ministério da palavra de Deus e da Confissão. Embora continuasse a desenvolver, conscienciosamente, o dever de lecionar, além do qual, assumiu o encargo de “secretário dos estudos” no seminário; por trinta meses foi antes capelão de Balbano; e, num segundo momento, vigário interino numa aldeia das montanhas, Compignano de Massarosa, aonde ia muitas vezes a pé, e mesmo de noite, para levar o conforto da fé àquela pobre gente.

O ano escolar de 1893-1894 chega ao fim, são começados os exames. Professores e alunos estão prontos, mas falta o “secretário dos estudos”, sem ele não se poderia dar início às provas. O reitor do seminário, primeiramente, se inquieta, depois, se preocupa; mandou procurar por todo o lugar o seu colaborador, mas Padre Marchetti não foi possível encontrar. Passaram-se horas e o secretário, estranhamente se apresenta. Finalmente, ei-lo, muito tranqüilo e até radiante. Precisamente naquela manhã, haviam-lhe dito que na localidade de Gragnano, a poucos quilômetros de Lucca, estava frente à morte um pobre homem, um desventurado a quem ninguém podia aproximar-se. Perto de si tinha sempre pronto um revólver, e jurou detonar ao sacerdote que tivesse a ousadia de aproximar-se de seu leito. Por isso, notificaram o fato ao Padre José, sabendo que ele não tinha medo de ninguém e de nada, quando se tratava de cumprir um dever do ministério sacerdotal. De fato, o professor não hesitou um instante e correu, não obstante a chuva torrencial que caía sobre a região, esquecendo-se até de avisar os superiores. O sorriso radiante, a tranqüilidade anunciava a vitória da misericórdia divina e, juntamente, a tranqüilidade, que desarma, de quem estava convicto de ter feito nada mais e nada menos do que seu dever.

Metade da Paróquia parte para a América

Todo o tempo das férias de verão, daquele ano de 1894, Padre José o transcorreu junto aos duzentos e dez habitantes da pequena cidade de Compignano. A nomeação do vigário já tardava. Talvez, ninguém sentisse a devida coragem de ir sepultar-se na miséria daquela aldeia; o próprio bispo já sabia que aqueles casebres ficariam logo desertos. Daquela pedra não podia sair pão; e à cidadela tocou a mesma sorte de outras centenas de aldeias italianas, nos anos em que a fome se tornou o espectro, especialmente, dos camponeses e moradores das montanhas. Inteiras populações abandonavam em massa uma terra tão avara e uma sociedade em desequilíbrio, cedendo, assim, facilmente, aos convites lisonjeiros dos agentes das imigrações e jogavam a cartada da desesperação: partir para a América.

No fim de setembro, 75 moradores de Compignano estavam em viagem rumo a Gênova. Padre José quis acompanhá-los para ficar com eles até o momento em que estariam se afastando da Pátria, na esperança de vê-los, ao menos de alguma maneira, colocados um pouco melhor no navio. Sabia muito bem que tipo de sorte era destinada aos emigrantes inexperientes e sem guia, extorquidos até à última gota de sangue pelos agentes e sub-agentes da Emigração, cobradores dos portos, gerentes dos hotéis e pelos agentes de câmbio.

Quando era clérigo, ouviu falar dois anos antes, na igreja dos servitas, em Lucca, em 25 de abril de 1892, de um Bispo que vinha sendo definido como “O Apóstolo dos Emigrantes” e que andava percorrendo as principais cidades da Itália a denunciar o escândalo de centenas de milhares de Emigrantes, mandados à ruína, à morte do corpo e da alma, sem nenhuma

proteção nem social nem religiosa, como filhos relegados da pátria e invocava a cessação das estéreis hostilidades que se vinham acentuando entre a Itália e a Santa Sé, a superação das “miseráveis barreiras surgidas do ódio e da ira”, a fim de que todos os italianos, sem distinção de classe ou de partido, se dessem as mãos, nessa obra de amor e de redenção, que ele havia iniciado há cinco anos para assistência religiosa, social e econômica dos “fracos” obrigados a emigrar para não perecer de fome.

Padre José refletia sobre essas palavras, enquanto o trem transportava à Gênova metade de uma paróquia que, pelas condições já citadas, se transplantaria no Brasil. Lembrava também que D. João Batista Scalabrini, Bispo de Piacenza, fundador da Congregação dos Missionários para os emigrantes e da Sociedade São Rafael, para os comitês de assistência à emigração, naquela conferência de Lucca havia falado do Comitê instituído no porto de Gênova, com o objetivo de proteger e amparar os que partiam. Apenas chegado ter-se-ia dirigido ao missionário do porto, o “scalabriniano” Padre Maldotti, que começava a ser visto como a “ovelha negra” pelos mercadores de carne humana.

Ei-los, o trem mal havia parado, que esses já tinham farejado a presa e se apinhavam à portinhola do trem para jogar-se sobre os que mal haviam chegado. Mas viram descer por primeiro um padre, e os 75 montanheses atrás dele, agarrados à batina do amigo, estavam decididos a não fazer um passo sem a sua orientação. Mas, se nenhum deles é prático? Que fazer? Olhou ao redor de si, à procura de uma figura de padre, com o crucifixo à cintura, como se fosse uma espada. Padre Maldotti porém, não foi visto, está arrancando outro grupo de emigrantes das garras dos abutres. Já é noite e se aproxima o momento mais perigoso; os funcionários daquelas desqualificadas pensões apertam o cerco das pequenas famílias assustadas. Padre José toma uma decisão: Vai logo ao Capitão Gavotti e obteve dele a colocação da sua pobre gente a bordo do “Pará”, embora não tivesse ainda conseguido nenhuma passagem. Dentro do navio, pelo menos estão seguros; assim ele pode ir à procura do Padre Maldotti.

Na manhã seguinte, às seis horas, os emigrantes de Compignano, já estão todos apresentados, sobrem ao parapeito do “Pará” e saúdam com entusiasmo os dois sacerdotes. Padre José encontrou, finalmente, o colega Padre Maldotti. Agora, sim, podem descer do navio com o parco dinheiro de que dispunham e os grandes fardos são e salvos; além disso, passar incólumes no meio à balbúrdia do porto e às insídias dos agentes. À testa do grupo se faz largo, decididamente, o Padre Maldotti, e o Padre José termina a fila. Chegam ao oratório de São João do Pré, o modesto abrigo aberto pelo Padre Maldotti. Padre José reúne os chefes de família e vai retirar as passagens. Quando volta é perto do meio-dia, e tudo está sistematizado para a partida. Recompõe-se rapidamente o cortejo, dirigindo-se desta vez à Igreja de São João, Padre José celebra a última Missa para seus paroquianos, depois com Pe. Maldotti, acompanha-os ao navio e ali, ajuda a cada um tomar seu lugar.

É hora da partida! Pe. José mantém o olhar fixo no semblante choros dos montanheses, enquanto que seus lábios se movem numa contínua e imperceptível prece. O capitão advinha o que se está passando atrás daquele olhar amargurado e segura amigavelmente a mão do sacerdote: “Aposto que o senhor iria, de boa vontade, à América!” Responde-lhe somente com os olhos brilhantes de desejo e de alegria. Gavotti continua: “Bem, não só por esta vez, mas eu quero que os meus vapores tenham sempre seus capelães de bordo; e se o senhor se contenta, eis a cabine pronta, mesmo para esta noite”.

Na mente de Marchetti ressoa o apelo apaixonante do Bispo Scalabrini, quando pedia que sacerdotes caridosos e disponíveis se prestassem, ainda que fosse por uma vez só, para acompanhar os emigrantes ao seu destino, como inteligentes conselheiros, confortadores por quanto possível, das mil e uma misérias a bordo, consolando os doentes e os moribundos;

depositários de importantes interesses, mensageiros fiéis de notícias desejadas entre aqueles que partem e os que permanecem em solo pátrio... Logo consultou o Pe. Maldotti e o capitão. Mas não possui o salvo-conduto, não tem permissão de seu Bispo, não tem a faculdade “jurídica” dos capelães de bordo. Desta vez não pode; mas se não houver imprevistos, está decidido que, dentro de quinze dias, na partida do “Giulio Cesare” Pe. José estará pronto ao chamado.

Ao último toque da sirene, o vapor se distancia, as mãos dos desterrados se agitam convulsas para o último adeus. E a mão sacerdotal do Padre José, trêmula, traça amavelmente a última bênção.

Capelão de Bordo

Na manhã seguinte, ao invés de voltar diretamente a Lucca, Pe. José Marchetti vai a Piacenza, fala com Dom Scalabrini, expressa a ele o desejo de tornar-se já “missionário externo” da Congregação de São Carlos, para os emigrantes italianos, a fim de desenvolver a missão de Capelão a bordo, para o que se sentiu chamado de forma inequívoca, tão somente algumas horas antes. O Bispo fica a escutá-lo, auscultando-o, com seu olhar penetrante, que desata com seu calor todos os obstáculos que se interpõem entre os corações dos homens, e por resposta abraça aquele jovem sacerdote de vinte e quatro anos, no qual entreviu um caráter reto e férreo de quem não volta mais atrás, depois de ter posto a Mão ao arado. E de fato, Pe. José após haver-lhe revelado os sonhos missionários, que vinha acariciando desde seminarista, renova no mesmo momento o gesto de São Francisco. De agora em diante será somente filho de Deus, à semelhança daquele Bispo em cujas mãos pronuncia o voto de pobreza, penhor de uma consagração definitiva aos “pobres emigrantes”.

Uma semana mais tarde escreverá ao Bispo de Piacenza: “A minha alegria é inexprimível, pois que vejo as coisas realizarem-se uma maneira muito natural; o que me faz crer deveras que as missões sejam a minha vocação. Venho agora de Roma, por negócios, e nesta circunstância foi me dada a Bênção Papal. Com isto, sinto-me encorajado! Muito teria gostado de passar por Piacenza, a fim de receber a bênção de Vossa Excia. Revma. Escutar as suas ordens. Algumas coisas, porém, que me restam a determinar mo impedem, assim comunico-lhe que não sou livre até domingo próximo vindouro. Rezarei a Santa Missa na minha cidade, depois levanto vôo...”

Aquele domingo caía no dia 14 de outubro de 1894, no dia seguinte Padre José Marchetti já estava a bordo do transatlântico “Maranhão”, da linha Ítalo-Brasileira, que à noite zarpava âncoras. Da noite de 30 de setembro a 15 de outubro, não se pode deixar de pensar e refletir sobre o chamado dos apóstolos: “... e deixando tudo O seguiram”.

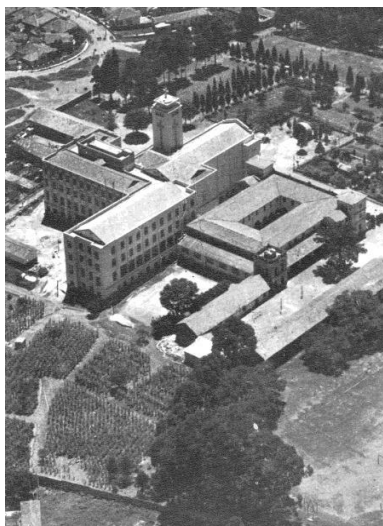
Durante a travessia não se poupou, mas dedicou-se com zelo ao novo tipo de apostolado. Preparou para a primeira Comunhão cinquenta emigrantes, entre jovens e adultos, pregou e confessou, foi pacificador nas questões que, freqüentemente, surgiram naquele aglomerado desumano, regularizou matrimônios, transformou a viagem numa missão popular.

Na Ilha das Flores, em frente ao Rio de Janeiro, onde parou dois dias, viu com os próprios olhos, as cenas que ouvira da voz vibrante de Dom Scalabrini, a triste acolhida reservada aos emigrantes nos hotéis, espécie de barracões nos quais os novos, recém-chegados deviam ficar por um período mais ou menos longo, até que viessem os “fazendeiros” a contratá-los para as plantações de café. Comida insuficiente, por cama, a madeira do assoalho, o tormento dos insetos e os incômodos da promiscuidade, própria dos dormitórios coletivos.

Reação típica do Pe. Marchetti, não perder tempo, mas tomar logo uma providência que se fazia mister no momento, isto é, prover ao remédio indicado para o caso. Enfim, fazer algo, pois não se pode ficar assim. Já assimilou a mentalidade característica do Fundador: “Nós trabalhamos e Deus realizará”. Vai imediatamente ao Cônsul Geral da Itália e expõe seu plano, qual seja: Três fundações – uma na Ilha das Flores, outra em Santos e uma terceira em São Paulo. Os três pontos estratégicos da EMIGRAÇÃO e seriam chamados: CASA DO EMIGRANTE, conforme idéia do Pe. Maldotti. Eu necessitaria de um missionário que afastasse e boicotasse os maus fazendeiros que, por sua conduta tirânica e imoral se tornassem menos dignos de contratar colonos. Também se poderia conseguir um birô de informações, coadjuvado por confrades-apóstolos que visitassem, periodicamente, as fazendas.

O Cônsul promete interessar-se, junto ao governo italiano e dar todo apoio e ajuda possível, concedendo ao missionário uma carta dirigida a Dom Scalabrini, a fim de pedir ao Bispo os sacerdotes que seriam necessários para a obra. A carta do Cônsul trazia a data 11 de novembro e a resposta do Bispo de Piacenza, igualmente confiada a Marchetti, foi escrita aos 26 de dezembro, no mesmo dia em que o missionário embarcava para sua segunda viagem. Dom Scalabrini confiou, igualmente, um manuscrito de instruções para a fundação das missões no porto, e para outros delicados encargos junto aos Bispos do Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba. No momento, porém, Pe. Marchetti precisou renunciar à atuação de seus projetos, porque Nosso Senhor o esperava, justamente, durante a travessia, para indicar-lhe uma nova estrada. Aquela segunda viagem, como capelão a bordo, teria sido também a última. A providência Divina o chamava para tornar-se um “Missionário Interno” na Congregação Scalabriniana, com o compromisso de fundar uma grande instituição de caridade para os órfãos, filhos de Emigrantes, em São Paulo.

Sonhos e Realidade



O complexo do Instituto Cristóvão Colombo de São Paulo no 70º aniversário de fundação

Assim que chegou à capital bandeirante, depois de haver colocado provisoriamente, no Rio, o filhinho da jovem mãe, morta durante a travessia oceânica, Pe. Marchetti expõe seus propósitos e seus planos a um jesuíta, Pe. Andrea Bigioni, após haver celebrado Missa na Igreja de São Gonçalo. Os dois estavam conversando, quando no limiar da porta da Igreja apareceu um rico benfeitor, o Conde José Vicente de Azevedo. O jesuíta apresenta-lhe o missionário italiano e pede conselho para a escolha do sítio. O conde possui mesmo um lindo terreno para lhe mostrar e numa ideal posição geográfica. O dia seguinte, no trenzinho que os leva ao cume da histórica colina do Alto do Ipiranga, o benfeitor viu chegar-se afetuosamente, ao redor do Pe. Marchetti muitos imigrantes luqueses. Logo ficaram sabendo de sua chegada, porque conheciam-lhe o coração. Uma vez chegados no Alto do Ipiranga, o Conde de Azevedo mostra ao Pe. Marchetti um terreno de 1.408 metros quadrados, circundado de muito

verde e de tanta paz. Um local para sonhar! Porém com que dinheiro? Se para conseguir a passagem no bonde teve que apelar para a caridade... “Agrada-lhe, Padre?... É seu! A providência foi tão pródiga, neste momento, que nem permitiu ao missionário acabar sequer o pensamento sobre o dinheiro. O terreno era propriedade do Conde e repetia ao missionário, que parecia estar sonhando: É seu! Também aquela capela que o senhor vê ali, é sua. Por

sinal, dedicada ao seu patrono, São José. E tanto por começar o orfanato, estão à sua disposição 50.000 tijolos.

Agora só faltava o beneplácito do senhor Bispo. O próprio Conde se encarrega de apresentar o missionário a Dom Joaquim Arcoverde, que lhe concedeu logo a necessária autorização, embora não fosse ele o homem das concessões fáceis. O que teria esse padrezinho, a quem todas as portas se lhe abriam à sua passagem?

Não faltaram mesmo daqueles que, santas pessoas, talvez mais práticas do que Pe. José, o tratassem de sonhador, de um exaltado e vendedor de belas palavras. Então como explicar os fatos? É a mesma impressão, nós provamos, lendo as suas cartas. Os fatos, por si só, nos reconduzirão imediatamente à realidade de um homem que sonhava, sim, mas realizava os sonhos. Sentimos, por exemplo, como naquele último dia de janeiro de 1895, jornada tão movimentada e decisiva para a sua vida, prestava conta ao fundador Dom Scalabrini dos últimos acontecimentos, começando pelo dono do terreno.

“Mesmo como eu tinha sonhado. Além disso, recebi oferta preciosa de todo patrimônio de uma capela com casa, na imediação do local, para residência de um missionário que dirija todo o estabelecimento, e que serve muito bem de alojamento aos missionários. É uma delícia!... Nosso Senhor queria o orfanato. Eu o vejo, sinto e conheço. DEO GRATIAS! Organizei um comitê de senhoras e nomeei como presidente a esposa do Cônsul, a Consulesa Brichanteau, tenho muita confiança neste comitê; choram quando descrevo certos quadros! E o dinheiro não tem faltado. Eu vou de porta em porta, peço, trabalho, confesso, prego, exorto, mas estou só! Oh! Se viesse... Os muros crescem e dentro de dois meses, espero que o esqueleto fique todo pronto.

A providência, pois, quis coroar minhas esperanças e meus votos. Talvez os seus também! Emigrantes! Órfãos! Tudo providenciado! Mas os pobres adoentados... Os pobres italianos doentes, abandonados nas fazendas! DEO GRATIAS! Providenciado também para eles! Aqui em São Paulo, estava quase acabado um hospital italiano; foi iniciativa da maçonaria... Contudo, nunca se acabava tal obra. Precisava a Cruz! A cruz eu a levava comigo! O Cônsul Italiano pediu-me que aceitasse a direção e a vigilância; além disso, deu-me liberdade para que fossem colocadas Irmãs no dito hospital! Aqui tenho umas que estão aguardando para entrar no noviciado, assim que o orfanato estiver pronto; as “Colombina” mais dispostas irão servir Jesus, na pessoa dos mais fracos. Na mesma casa se fará o noviciado e muitas das órfãzinhas poderão tornar-se religiosas também; e assim o Senhor Jesus será bendito e louvado! Iremos a Minas Gerais, iremos ao Rio, Santa Catarina, no interior do Brasil e na Argentina. Por que não? Iremos por toda parte! DEO GRATIAS! A messe é grande... Mande-nos Operários... Em Santos, tudo já está pronto para um missionário da Emigração. Se um missionário estiver pronto, muito bem, se não mande alguém de boa vontade.

2.000 ou 3.000 emigrantes naqueles barracos sofrem!... Agora volto ao Rio. Ali prepararei a Ilha das Flores e Pinheiros. Os meios não faltam para se viver, e depois sofreremos... Eu faço os meus votos e rogo-lhe que os aceite; dentro de dois ou três meses irei depô-los em suas mãos e, ao mesmo tempo, irei buscar as minhas colombinas, as Missionárias.

As “Colombine”



Madre Assunta Marchetti irmã de Pe. José Marchetti

Se você perguntar a um habitante de Piacenza, que entenda de igreja e de sacerdotes, quem são os “Colombini” ele saberá responder logo que são os missionários para os emigrantes, fundados por Dom Scalabrini. Qual seria a origem desse nome ou apelido?

Sua casa-mãe foi intitulada pelo mesmo fundador de Cristóvão Colombo, o primeiro a levar Cristo às terras de América.

Agora se compreende melhor o Pe. Marchetti, quando fala das “Colombinas”. Trata-se nada mais, nada menos do que das Irmãs Missionárias Scalabriniana, cuja fundação ele ia sugerindo ao Apóstolo dos Emigrantes, especialmente com o objetivo de dedicar-se aos órfãos e às órfãzinhas. Foi por isso que, em 15 de fevereiro de 1895, quando foi colocada a primeira pedra do orfanato Cristóvão Colombo, no alto do Ipiranga, Pe. Marchetti deu início às obras de um segundo edifício, em Vila Prudente, para a seção feminina. Esse terreno também foi doado ao denodado missionário, em parte pelos irmãos Falchi, toscanos, e em parte por Maria do Carmo Cipariza Rodriguez.

Eis mais um sonho do Padre Marchetti.

“Entre as meninas sairão costureiras, professoras que depois irão às fazendas para ensinar, educar, etc. Surgirão também religiosas – enfermeiras para assistir os nossos doentes... Entre os meninos sairão mestres-escola, missionários, cristãos-leigos, etc., etc. Agora quererá, V. Excia. Saber como são os orfanatos, não é assim?... continuava com candura nessa carta de 13 de maio de 1895, ao Bispo Dom Scalabrini. Já se deu início às obras daquele das meninas. Uma parte custará 60 contos (150.000 libras), aquele dos meninos custará 300 contos (750.000 libras, no atual câmbio)”.

Não eram tolices. Não! Mas o Pe. Missionário levava à frente a obra com alegria e coragem heróica.

“Ué! O que é tudo isso, comparado com a Providência Divina? Eu não me atemorizo, não! No fim das contas, os homens por si trabalham, e eu não tenho outra coisa a fazer, senão pregar, confessar, rezar e andar de porta em porta a pedir... Daqueles que me dão dinheiro, levo dinheiro, e dos que me dão humilhações, levo humilhações; também essas são boas. O importante é que o dinheiro vem e os muros estão crescendo”.

A citada missiva está escrita no verso de uma circular de propaganda, na qual o Pe. Marchetti, Missionário Apostólico para os Emigrantes, enviado pela “Congregação Cristóvão Colombo” anuncia que em São Paulo está instituindo um Orfanato para educar e transformar em bons operários e bons cidadãos, os órfãos dos infelizes emigrantes, que morreram ou no mar ou nas colônias, deixando no abandono os próprios filhos menores. E a respeito da assistência das órfãs, determina: “A seção das meninas será confiada às Irmãs e Damas de Caridade, da mesma Congregação”. Alguns dias mais tarde Pe. Marchetti informava Dom Scalabrini que o contrato para confiar às futuras “Colombinas” o hospital Italiano “Umberto I” (hoje “Matarazzo”) prosseguia muito bem; e via o sonho completar-se em todas as linhas. Assim a nossa missão está cumprida. Busca os emigrantes, embarca-os e os acompanha até ao mar; acolhe afetosamente os órfãos, tem um sorriso de conforto para os doentes; leva-os ao trabalho e volta a visitá-los; enxuga-lhes as lágrimas e os reconduz ao solo nativo. DEO GRATIAS! Quanto às “Colombinas”, por enquanto ficarão como Damas de Caridade; quando tiverem dado provas, na missão que lhe cabe, poderão deveras formar uma Congregação; são muito necessárias e sinto que Jesus as quer, a fim de tirar uma chaga no setor da emigração e

que os Padres não poderiam tirar. Na expedição de julho partirá minha mãe com as irmãs, duas noviças que estão em Florença preparando-se e se animando ao espírito de sacrifício e do amor de Deus. Duas estão aqui; e desta maneira termos um contingente de sete ou oito Irmãs.

Além da idéia das Irmãs, em consonância com Dom Scalabrini, dado que, segundo o projeto inicial, deviam construir uma parte da Congregação Scalabriniana, as primeiras cartas do Pe. Marchetti suscitam em nós outro interesse, porque nos permite classificá-lo entre os precursores das escolas profissionais no Brasil, dos ginásios vocacionais e, geralmente, de uma educação orientada sabiamente, não só para a cultura geral, mas orientando os jovens à vida, em formas concretas, isto é, ao trabalho e à uma profissão.

Dentro de poucos meses, no momento de sua morte, veremos essas idéias tão modernas, mas desde então defendidas com tanto sucesso por Dom Bosco e traduzidas em realidade. No Orfanato Cristóvão Colombo estarão já funcionando uma fábrica de calçados, uma tipografia, uma padaria e for fim, no lado artístico, uma banda musical.

Uma Família Missionária

Então Pe. Marchetti conseguiu convencer a mãe e a Irmã Assunta para segui-lo, no campo do apostolado e a consagrar-se completamente, também elas ao serviço dos mais pobres, entre os pobres emigrantes: os órfãos, os abandonados, aqueles que se apresentassem mais carentes das necessidades elementares que, somente poderiam ser bem executadas pela própria mãe. Além da mãe e da Irmã, atendiam no setor, outras duas senhoritas, vindas da pequena cidade de Compignano. Entre as quatro generosas que responderam ao apelo desde o início, contava especialmente com a Irma, que já de alguns anos suspirava o momento para fazer-se monja de clausura, porém até agora não lhe havia sido permitido entrar no convento, em virtude de atender às necessidades da família numerosa, à qual veio faltar o próprio sustento, pela morte do pai. Nosso Senhor a esperava em outro posto, para fazer-se servir na pessoa daquele que é nu, faminto, enfermo ou peregrino...

Padre José foi à Itália buscar as “Colombinas” em outubro de 1895. A mãe, tímida e doente até as vésperas da partida, sentiu-se improvisamente, como que liberada de tantos achaques. De manhã, antes de partir, o filho sacerdote celebrou a Santa Missa em sufrágio do pai falecido, e dirigiu a seus concidadãos uma palavra de adeus; mamãe Carolina não verteu sequer uma lágrima.

Acompanhado pelo repicar festivo dos sinos de Capezzano, Pe. Marchetti e as quatro novas “Missionárias partiram rumo a Piacenza. Dom Scalabrini e seu jovem missionário abraçaram-se, chorando; depois o Fundador desejava muito e, com mais tempo, falar com a primeira superiora do Instituto, ao qual ele daria vida própria no dia seguinte. Na manhã do outro dia, 25 de outubro de 1895, na capela do bispado, Dom Scalabrini celebrou Missa diante da pequena Bandeira Missionária. No momento da Comunhão dirigiu-se a ela e, mostrando-lhe o Sacramento disse: “Eis o Cordeiro de Deus”; depois se cala. Pe. José adiantou-se, e prostrado ante o Santíssimo, pronuncia com voz comovida: Eu, José Marchetti, chamado à honra do apostolado Católico, diante de Deus Onipotente, presente aqui sob as espécies eucarísticas, faço os votos perpétuos de: Castidade, Obediência e Pobreza”. O Bispo distribui a Santa Comunhão às missionárias, acaba a missa, benze os crucifixos e dirige à corajosa equipe um breve discurso. Uma das novas “Servas dos Órfãos e dos Abandonados” declara em nome de todas: “Ainda que indignas, nós, Carolina Marchetti, Assunta Marchetti, Maria Franceschini e Ângela Larini, chamadas pela Divina Providência à honra do apostolado católico, juramos ao

nosso celeste esposo fidelidade, fazendo os votos temporários de: Obediência, Castidade e Pobreza”.

Um breve “breakfast”, o café da manhã, as últimas saudações, um último abraço do Fundador ao seu missionário. Já estão no trem que os leva a Gênova. São cinco apóstolos saídos de uma pequena pentecostes. Seu sorriso, a palavra entusiasmada se irradia sobre os companheiros de viagem. Uma senhorita pede para ser aceita na nova Congregação, um vigário igualmente, sente-se chamado ao apostolado entre os emigrantes.

Não há rosas sem espinhos

A missão apostólica das servas, que mais tarde se chamarão Missionárias de São Carlos, começou a 27 de outubro, quando o navio “Fortunata Raggio” zarpou de Gênova, com o costumeiro carregamento de emigrantes e de misérias. Antes de desembarcar, 83 filhos de italianos, catequizados pacientemente, dia por dia durante a viagem, receberam a 1ª Comunhão das mãos do Pe. José. Desembarcados em Santos, depois de 25 dias de viagem, o Padre José e as Irmãs chegaram a São Paulo à noite, do dia 20 de novembro. Os primeiros vinte órfãos esperavam com ansiedade a chegada de quem vinha fazer às vezes dos próprios pais.

No dia 8 de dezembro de 1895, festa da Imaculada Conceição, o Orfanato Cristóvão Colombo foi inaugurado e logo começou para o Pe. Marchetti um período de trabalho intensíssimo. Durante o dia todo andava de casa em casa, especialmente de fazenda em fazenda, nas plantações de café que circundavam São Paulo, a esmolar o pão para saciar a fome de seus órfãos, mas ao mesmo tempo, prestava sua obra sacerdotal entre os “colonos” italianos, que podiam finalmente, falar com um sacerdote, confessar seus pecados, assistir à Santa Missa, receber a comunhão, fazer batizar os filhos e abençoar os matrimônios. Nem todos os dias o Pe. José podia voltar ao Orfanato, contudo, muitas vezes devia fazê-lo, porque tudo pesava sobre seus ombros e o mais das vezes, após haver andado o dia inteiro, era obrigado a caminhar noite adentro para poder celebrar a Missa, no dia seguinte, para sua pequena comunidade.



Acima: Orfanato Cristóvão Colombo - Seção feminina - Vila Prudente

Abaixo: Orfanato Cristóvão Colombo - Seção masculina- Ipiranga (São Paulo)

“De resto – concluía transmitindo estas notícias a Dom Scalabrini, eis-me aqui pronto para morrer; tenho desejado tantas vezes o martírio de sangue, mas tenho a sorte de encontrar o martírio nas fadigas apostólicas. Assim me considero feliz!”

“Talvez entusiasmado demais, descobria tão somente as rosas, e não sentia a punção dos espinhos, mas agora estes cresceram bastante e se fazem sentir. De maneira que Vossa Excia. Revma. Pode ficar certo que o sinete da provação divina não me falta. DEO GRATIAS!” Assim escrevia no começo do ano novo, iniciado como ele mesmo dizia, entre muitos hosanas que o ensurdeciam e o transtornavam, contando com o favor do governo que lhe dava os medicamentos e construía o aqueduto, e o favor do Bispo e ao Cônsul Italiano.

Começaram, porém, ao mesmo tempo, a chover calúnias, inventadas pelos ociosos e invejosos. “Como agora estou

organizando Cozinhas Econômicas, Hospitais, etc., os italianos começaram a temer este tipo de reuniões; e há os que dizem que é uma vergonha para a colônia não poder concluir coisa alguma sem estar junto um padre! Puxa! Se vêem fechados os caminhos às vergonhosas especulações. De resto as coisas vão bem! Os meninos e as meninas aumentam. Como rezam bem! Que beleza! Isto deve agradar ao Sagrado Coração de Jesus!”

Nesta mesma carta ressoa o primeiro misterioso reclamo da morte e precisamente na emboscada do tifo. “Esses dias tivemos motivos de meditar muito sobre a morte. Minha irmã e outro de casa ficaram doentes e continuam em perigo de morte. Eles têm o tifo... O bom Jesus fará aquilo que melhor lhe aprouver. Tive que comprar um cavalo, porque as pernas não querem mais responder ao que pede o coração e o pensamento. Que dor estar só!... Eu, por outro lado, não poderei agüentar, por muito tempo. Não porque me falem o espírito e a energia, mas porque as pernas, o estômago e a cabeça não reagem. De resto eu confio em Cristo e vou à frente. Confio também em v. Excia. Revma. e envio-lhe minha fotografia para que nunca se esqueça de rezar ao Sagrado Coração de Jesus por este inexperiente missionário...”

“No sofrimento se amadurece o santo e o homem, afortunadamente, sem esmorecer o entusiasmo da alma por um ideal sob a ducha fria do real. Na realidade das coisas apagou-se em mim um pouco aquele entusiasmo, em que entrevia um futuro próprio como se tem realizado. Por isso agora luto somente com o REAL e me sinto forçado a tornar-me da melhor maneira um home também eu; confesso, porém, a verdade que, no ideal, vive-se melhor. Minha mãe sente-se feliz e me diz que agora, sim, me torno um homenzinho; acho que ela tem razão, porque sob a impressão da experiência, sinto-me reanimado de fato”.

Mas escutemos o que segue: “Com isto, porém, V. Excia. Revma. não acredite que eu não ande mais. Corro e como! Mas não me chame de louco e nem de leviano... porque talvez o bom Deus também desta vez pintará os meus desígnios. No meu programa faltavam os loucos e os surdos-mudos. Parece-me vê-los abrigados numa seção do grande Orfanato de Vila Prudente... Que pena ver muitos dos nossos colonos nesse estado! Oxalá Deus me ajude!

Como se toda esta atividade não bastasse, continuava as missões no interior do Estado Bandeirante, entre os italianos que se consumavam no estafante trabalho das plantações. Nos 30 dias que viajei pelo interior, Nosso Senhor me oportunizou ocasião de fazer 72 prédicas, de confessar 2.600 pessoas e dar-lhes a comunhão, de legalizar uma infinidade de matrimônios mal feitos e, o que é mais importante, de fazer a primeira Comunhão para 720 juvenzinhos, dos quais alguns já casados, outros noivos e quase todos maiores de 16 anos. E são italianos!... Acreditava-se que eu morresse, mas Jesus me fez ficar melhor, evidentemente, para mostrar que a obra não é minha, mas d’Ele.

Portador de Cristo

No tempo de Pe. Marchetti, no Estado de São Paulo já viviam cerca de 800.000 italianos, dos quais 30.000 luqueses. Muitos viviam na cidade, que começava crescer num abrir e fechar de olhos; muitos outros viviam nas fazendas e arredores da grande paulicéia. Pe. Marchetti queria tê-los visitado todos e a todos levar Cristo. Ribeirão Preto, Batatais, Uberaba, Engenheiro Brodósqui, Franca, São Carlos, Jardinópolis, Santa Cruz das Palmeiras, Jaboticabal, Dois Córregos, São Manuel, Botucatu, etc., etc.

Assim a capital paulista, via passar aquele infatigável peregrino que mendigava a caridade de um pão material para seus órfãos, já contando com mais de uma centena, mas ao mesmo tempo, oferecia a caridade do pão espiritual, ora pregando ou administrando os

Sacramentos, admoestando com franqueza toda toscana e doando-se com a doçura de um mártir.

Quantas vezes bateu, sem resposta, ao portão da baronesa Veridiana Prato! Mas a primeira a cansar foi a nobre senhora que, finalmente, resolveu conceder uma audiência ao importuno mendicante, decidida a por fim àquela importunação. No fim do colóquio, iniciado com dureza se não com desprezo, faz-lhe a doação de toda a madeira necessária à construção do Orfanato. Depois, quase se justifica com os outros, exclamando: “Aquele sacerdote leva impressa no semblante a beleza das virtudes divinas”.

Todos os comerciantes de São Paulo já conhecem aquele cliente original que vem comprar, pagando com um “Deus lhes pague”, em nome dos irmãos mais pobres de Cristo. Mas acontece que uma Casa de Ferragens reservou-lhe o que se destina aos vagabundos e aos trapaceiros. Aceitados, com um sorriso, os maus tratos e as injúrias, o padrezinho, finalmente, abre a boca para dizer: “Tudo isto é para mim, que mereço, talvez, pior do que me foi dirigido; mas para os meus órfãosinhos, não haveria mesmo nada?! O patrão sem palavra, investiga-o dos pés à cabeça, depois abre a gaveta, puxa dela uma nota e murmura: “Perdoe-me”.

Uma noite, depois de uma de suas longas excursões nas fazendas, Pe. José caminha em direção ao alto do Ipiranga, rezando terços, um após outro, para os benfeitores que lhe permitiram voltar com uma boa soma em favor dos pequenos que, nesse momento dormiam pacificamente, lá em cima no edifício branco, nascido à sombra encantadora da caridade. “Para e fica quieto! Desembolsa o dinheiro!” – Não é o brilho das facas que aperta a garganta do missionário, mas a linguagem italiana da intimação. Para quem, para os filhos de quem, está consumando a vida? Levanta então o crucifixo e encara os assaltantes, sem timidez: “O dinheiro é para os órfãos dos nossos concidadãos. Se tendes a coragem, roubai-mo”. Os facões se abaixaram e o peregrino continuou o caminho, rezando o terço.

A estas alturas, o Pe. José já não podia levar à frente sozinho, contando unicamente com as forças de sua extraordinária vontade. Aquele que os jornais de São Paulo definiam como “máquina de atividade portentosa, em perpétuo movimento”, era enfim, um homem, e cada vez mais sentia a necessidade da ajuda dos outros. Em junho de 1896 resolveu voltar à Itália, a fim de receber do Fundador conselhos e diretrizes, que tanto demoravam chegar pelo correio, tão precário na época. Mas apenas expedida a carta em que comunicava ao Bispo sua partida, chegou-lhe finalmente, um suspirado auxílio; um colega do mesmo ardor missionário, Padre Marcos Simoni, e a promessa de reforços posteriores. Foi como que uma chuva que chega ao último momento útil; a planta que começava abaixar as folhas secas tomava novamente vigor e crescimento.

O missionário volante pode empreender seu peregrinar, com uma excursão de mais de dois meses, de fazenda em fazenda, percorrendo 800 quilômetros. “São 65 dias que estou viajando através dos matagais e a febre amarela. Contudo, o Bom Deus conservou-me são e salvo!”

Não que o corpo não se ressentisse mais da fadiga, mas agora se sentia seguro e de ânimo mais sereno. Ao Orfanato não faltava agora o sacerdote. Por isso, o pensamento que o atormentava, em deixar os órfãos sem o Padre, desapareceu. Havia as religiosas que faziam às vezes de mãe. Contudo para o missionário, mesmo essas, constituíam-lhe motivo de ansiedade. Não duvidava a respeito de sua dedicação ou que elas temessem sacrifícios, ou se poupassem; porém enquanto cavalgava através dos campos, o pensamento voltava, ocupando-se da mãe, Irmã Carolina, da mana, Irmã Assunta, das outras almas generosas, que continuavam dar e a dar-se, mas que deviam privar-se durante a sua ausência do Pão dos fortes. Agora se sentia tranquilo; na sua volta teria encontrado a irmã a esperá-lo, porque ela não cedia a ninguém o privilégio de acolher em seus braços e de prestar os primeiros

trabalhos, de ordem higiênica, aos órfãos que o irmão sacerdote havia recolhido nas fazendas, de desinfetá-los dos insetos, de pensar-lhes as feridas e curar-lhes o coração mutilado dos afetos mais caros; as atenções dos pais que faltavam. Li nos olhos dela, como sempre, o cansaço acumulado nas noites transcorridas entre as crianças; deitada sem sequer despir-se, lá sobre uma pobre cama também, sempre pronta a levantar-se, ao primeiro sinal de choro. Finalmente, teria lido também, nos olhos, a alegria de unir-se cada dia, pessoalmente, ao Cristo que antes, por muitos dias seguidos, tanto ela como as outras religiosas, deviam contentar-se de encontrá-lo nas pessoas dos menores e dos mais pobres de seus irmãos.

Aos 3 de outubro antes de começar uma grande missão junto a Pe. Marcos, Pe. Marchetti renovou por devoção, a profissão perpétua de Castidade, Pobreza e Obediência, acrescentando dois votos que avaliam a dimensão espiritual do missionário, explicando assim a inacreditável atividade desse sacerdote, o qual nessa mesma data completava vinte e sete anos.

“Para melhor corresponder à alta Missão que me foi confiada, por vossa misericórdia, sinto-me estimulado a sacrificar-me ainda mais, jurando com um voto, que serei sempre vítima do meu próximo por vosso amor. Assim, pelo voto de Caridade, anteporei tudo a meu próximo e a mim mesmo, aos meus prazeres, à minha saúde, à minha vida... Com o voto, pois, de não perder mais um quarto de hora em vão, consagro a Vós e ao meu próximo todas as forças físicas e morais do meu corpo...”

“Eis-me pronto!”

O Senhor o julgou pronto para a coroa, sonhada pelo Missionário alguns meses antes: “Eis-me aqui pronto para morrer; tantas vezes tenho desejado o martírio; ao invés do martírio de sangue, tenho a felicidade de encontrar o martírio nas fadigas apostólicas, considero-me feliz”.



Dom Scalabrini em visita ao orfanato feminino da Vila Prudente em 1904. À sua direita o Arcebispo de São Paulo e Pe. Faustino Consoni, sucessor de Pe. Marchetti

Apenas pronunciados os dois excepcionais votos, empreendeu a grande missão de Jaú, região infestada pela febre amarela e do tifo. Depois de um mês, teve que voltar a São Paulo, com os olhos brilhantes pela febre, as articulações encadeadas de reumatismo. Contudo não se prostrou ao leito. Prosseguiu infatigável na direção dos dois orfanatos; empreendeu, igualmente, os trabalhos do contrato para o acabamento do “Hospital Humberto I”. Pensava na construção de um internato, com todas as séries do curso secundário, projetava reproduzir no centro daqueles edifícios de Caridade, a Igreja de São

Martinho, de sua querida Lucca, com a capela do Santo Sudário... Predispunha a ereção de uma casa de retiros permanentes e do noviciado para as Irmãs. No início de novembro, já saía o primeiro número do “Boletim Colombiano” impresso, em dezenas de milhares de cópias, na tipografia do Orfanato masculino.

E quando requeriam seu ministério sacerdotal, colocava-se imediatamente em caminho para levar o conforto da fé aos enfermos: a última doente que ele atendeu em confissão superando, com extremo esforço de vontade, as dificuldades do percurso, encontrava-se no mesmo estágio da doença que ele levava consigo, sem sabê-lo ainda: e faleceu exatamente no mesmo dia no qual se apagava a vida do missionário.

No dia 28 de novembro, nono aniversário de fundação da Congregação Scalabriniana, Pe. José entregou-se. Foi obrigada a colocar-se na cama. O diagnóstico dos médicos que acorreram à sua cabeceira, o professor Rocha, o luquese Sodini e o professor Buscaglia, não foi difícil: naquele expor-se continuamente, ao contágio sem a devida precaução, especialmente, quando assistia os doentes, o Padre Marchetti contraiu o tifo.

Algum tempo antes, passando perto de uma casa, escutou o vagido de uma criança. Um choro desolado e sem conforto. Bate à porta. Nenhuma resposta! Chama por ajuda; alguém o informa que no dia anterior viram levar fora daquela casa o ataúde do dono. Ali devia ter ficado a esposa com o filhinho. Arrombaram a porta e depararam com uma cena, que relembra as narrativas das antigas pestilências. Num pobre leito de palha, faz sem vida uma pobre italiana, ainda abraçada ao seu filho, vivo e chorando.

Aos lados ardem duas velas acesas por ela mesma antes de cair para sempre. O missionário tira dos braços rígidos no último gesto de amor, a pequena criatura, reza por alguns minutos sobre o cadáver da mãe e depois, como tantas outras vezes, descuidado do contágio iminente, volta correndo até o Ipiranga com o órfãozinho nos braços.

Outra vez, o avisaram furtivamente, que na fazenda “Batalha” lutava entre a vida e a morte um jovem imigrante de vinte anos, escondido dos médicos, porque a todos dava pavor o isolamento. Pe. Marchetti não dá importância aos conselhos de prudência, se o próximo tem necessidade dele. Vai, e ali encontra agonizando num barraco disperso. Somente a intrépida noiva ficou para assisti-lo. Os outros se tinham todos distanciados. Todos, menos o missionário que agora o prepara para a reconciliação com Deus e o aconselha a segurar entre as mãos o seu crucifixo, até que expira em paz.

Vítima do Próximo

Agora é a vez do Pe. José ser transportado ao isolamento da enfermaria. Mas as autoridades sanitárias, embaraçadas diante de um paciente excepcional, permitiram que se fizesse o isolamento numa casa, entre o arvoredo não muito distante do Orfanato. Daquele local ainda lhe seria dado ouvir os gritos das crianças brincando no pátio. Somente a poucas pessoas é permitido visitá-lo, em dias e noites intermináveis da última luta contra o mal, que não perdoou ao invicto missionário o precioso dom da vida. A seu lado estava sempre um sacerdote: Padre Dario Azzi, da cidade de Lucca, que o assiste com todo o afeto da antiga amizade, enquanto Pe. Marcos Simoni devia continuar as missões pelas fazendas, a fim de que não faltasse o pão cotidiano aos órfãos.

Recebido os últimos Sacramentos das mãos do Pe. Dario, as extremas palavras de Pe. José são para os seus pupilos. Há tantas perguntas! E o missionário recomenda não repelir nenhuma delas. Está seguro de que o Pai Celeste pensará para mantê-los. Logo após, uma hemorragia irresistível torna-o exangue das poucas forças que lhe restavam.

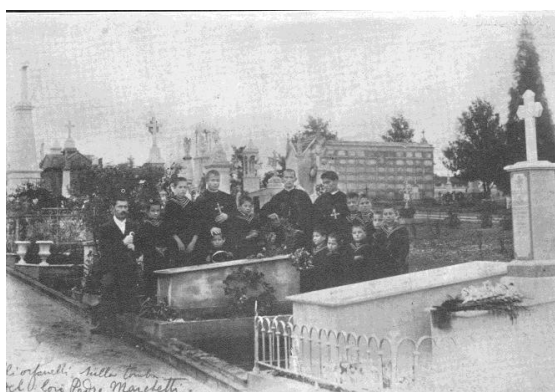
É a tarde do dia 13 de dezembro. Na estação de São Paulo recém chegou da Itália o Pe. Natale Pigatto, enviado por Dom Scalabrini para ajudar o Pe. Marchetti, nas lidas missionárias. Havia renunciado a sua chegada. Como ninguém foi recebê-lo no porto de Santos, e nem mesmo na estação de São Paulo, encaminha-se então, sozinho, em direção ao Alto do Ipiranga. Aproxima-se do Orfanato. Tudo imerso no silêncio. Entra, e somente ali percebe

sinais de vida. Mas são invocações e os gemidos que provinham da capela. As religiosas e os órfãos estão prostrados diante do altar de Nossa Senhora de Pompéia, implorando a recuperação de seu Padre e Benfeitor.

O novo missionário escreve logo a Piacenza, a fim de informar o Fundador e os confrades do que está acontecendo. Mal havia fechado o envelope quando, da casa onde estava isolado Pe. Marchetti, algumas chegam, ansiosas, para avisar que o paciente está se apagando. Correram às pressas! Mas os médicos barram-lhes o acesso. Pe. Dario pergunta ao sacerdote se reconhece aqueles que o circundam! Pe. José acena, docemente, a um sim, e expira, logo após! São 17:30 horas do dia 14 de dezembro de 1896. Morre um herói com pouco mais de 27 anos de idade! A vida dele foi uma passagem instantânea de uma estrela cadente, mas com um rastro de luz que ainda nos ilumina!!!

O Pe. Natal viu cair sobre seus ombros inexperientes a pesada responsabilidade de dois Orfanatos, em fase de sistematização, a poucas horas de sua chegada em terra de missão. Reabre a carta para acrescentar-lhe: “Morreu um SANTO!” Ele estava maduro para o céu. Deus o quis para a sua eterna felicidade. Tão cansado, consumado pelas fadigas, devorado pelos contínuos sacrifícios por amor aos seus pupilos, pelos quais não parava nem de dia e nem de noite, a fim de conseguir para eles o necessário pão de cada dia. Terminou sua vida preciosa, entregando-nos às mãos da Providência!”

Nas mãos da Providência Divina



Os órfãos e os Padres visitam o túmulo do Pe. Marchetti no 8º aniversário de sua morte

Assim foi. Uma breve existência de somente 27 anos de idade. Vinte e dois meses de apostolado no Brasil foram o bastante para cavar um sulco fecundo de sazonados frutos. Na Providência, como o fundador do Orfanato, confiaram seus sucessores: Pe. Natal Pigato por poucos meses; mas durante 22 anos, ao invés, ricos de cruces e de maravilhas da caridade, Pe. Faustino Consoni que viu cumprir-se a previsão de Dom Scalabrini: “Tenho-vos nomeado para ocupar o lugar do saudoso Pe. Marchetti. Ele era um santo e, certamente, vos ajudará lá do céu a conduzir, de

agora em diante, a obra por ele fundada”.

Sobre o Alto do Ipiranga onde os restos mortais do Padre José aguardam o dia da ressurreição, ali perto do monumento da Independência do Brasil, erigido pelo escultor italiano Ettore Ximense e do Museu Nacional, obra do arquiteto italiano Pucci, no fim da Rua Padre Marchetti, no meio de tais símbolos do reconhecimento recíproco entre o povo brasileiro e o povo italiano, ainda está bem vivo o monumento mais lindo e mais caro do Pe. Marchetti¹: O Instituto Cristóvão Colombo.

Ao redor das modestas arcadas góticas, que viram crescer para uma vida honesta e laboriosa milhares e milhares de órfãos italianos, brasileiros, alemães, poloneses... Surgiram outros edifícios, que atualmente hospedam duzentos e cinquenta internos e trezentos semi-internos e, além disso, o novo seminário teológico “João XXIII”. Alguns quilômetros além, na Villa Prudente, o Orfanato Feminino², esse também fundado pela coragem de Pe. Marchetti,

¹ Padre José Marchetti é Servo de Deus.

² Hoje Abrigo “Casa Madre Assunta Marchetti” e é totalmente administrado pelas Irmãs MSCS.

continua a desenvolver sua obra providencial, abrigando uma centena de órfãos e acolhendo na sua escola quatrocentas alunas externas.

As suas educadoras são hereditárias diretas do espírito do jovem missionário luquese: As Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo, por muito tempo animadas e dirigidas por Madre Assunta Marchetti³ têm agora sua obra estendida em muitos Estados do Brasil, nos Estados Unidos da América do Norte e Europa⁴. Como seu co-fundador, são elas verdadeiras filhas do Servo de Deus⁵, João Batista Scalabrini, Apóstolo do Catecismo e Pai dos Emigrantes.

Índice

Um Padre com uma criança nos braços	pág.	2
O pequeno moinheiro de Capezzano		3
No seminário de Lucca		4
Um professor de espírito missionário		5
Metade da paróquia parte para a América		5
Capelão de bordo		7
Sonhos e realidade		8
As “Colombine”		10
Uma família missionária		11
Não há rosas sem espinhos		12
Portador de Cristo		13
Eis-me pronto		15
Vítima do próximo		16
Nas mãos da Providência Divina		17

³ Madre Assunta Marchetti é Co-fundadora da Congregação MSCS e Serva de Deus.

⁴ E Ásia.

⁵ Bem Aventurado desde 9 de novembro de 1997.